

Juara – MT, 15 de Dezembro de 2018.

Brasileiros Indígenas À Luz Da Pesquisa Nacional Por Amostra De Domicílios

Carlos Brehula¹, Josimar Ribeiro Schmoeller¹, Nádie Christina Ferreira Machado Spence²

Resumo: A pesquisa sobre o perfil dos indígenas, com base nos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2017, teve por objetivo promover visibilidade a esta parcela da população que nem sempre recebe o devido destaque nas pesquisas acadêmicas. A proposta teve início na disciplina de Relações Étnico-Raciais ofertada para uma turma de alunos iniciantes do curso de Psicologia na instituição AJES (Academia Juinense de Ensino Superior), localizada no Vale do Arinos em Juara-MT. Considerando-se que existem diversas etnias na região e a instituição possui poucos acadêmicos indígenas, surgiu a curiosidade de saber mais sobre o perfil desta parcela da população, em especial, sobre as suas ocupações. O estudo foi quantitativo e viabilizado através do uso do PSPP, software livre que permite a análise dos microdados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Inicialmente foram selecionadas 54 variáveis e gerado um banco de dados com 568.313 pessoas. Posteriormente foi aplicado um filtro para analisar somente as pessoas que estivessem atuando na área dos cursos ofertados pela IES, que eram respectivamente: Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia. A partir deste primeiro olhar sobre os dados, foi identificado que havia somente enfermeiros indígenas. O segundo olhar buscou saber mais sobre os dois indígenas formados em enfermagem, um residente no Amapá e o outro no Distrito Federal. Dentre os 294 que estavam estudando, 69 estavam cursando a graduação, 05 especialização e somente 03 fazendo mestrado. As ocupações refletem que o acesso ao ensino superior ainda é muito incipiente.

Palavras –chave: indígenas, perfil ocupacional, educação.

Indigenous Brazilians In The Light Of The National Sample Household Survey

Abstract: The research on the profile of indigenous people, based on the microdata of the National Survey by Continuous Household Sample of 2017, aimed to promote visibility to this part of the population that does not always receive due importance in academic research. The proposal began in the discipline of Ethnic-Racial Relations offered to a group of students beginning the Psychology course at the AJES (Juinense Higher Education Academy), located in the Arinos Valley in Juara-MT. Considering that there are several ethnicities in the region and the institution has few indigenous academics, it was curious to know more about the profile of this part of the population, especially about their occupations. The study was quantitative and feasible through the use of PSPP, free software that allows the analysis of microdata made available by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). Initially, 54

variables were selected and a database with 568,313 people was generated. Subsequently a filter was applied to analyze only the people who were acting in the area of the courses offered by the IES, which were respectively: Psychology, Nursing and Physiotherapy. From this first look at the data, it was identified that there were only indigenous nurses. The second look sought to know more about the two natives trained in nursing, one resident in Amapá and the other in the Federal District. Among the 294 who were studying, 69 were studying for graduation, 05 specializing and only 03 for master's degrees. The occupations reflect that access to higher education is still very incipient.

Keywords: Indians, occupational profile, education.

1. INTRODUÇÃO

Desde 1991 o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) coleta dados sobre a população indígena no país. Os dados também são coletados nas Pesquisas Nacionais por Amostras de Domicílios (PNAD) que são realizadas entre os censos com amostras representativas da população para acompanhar o desenvolvimento e promover ações. A cada ano existem dados suplementares que são coletados sobre diversos temas, de interesse na área de planejamento de políticas públicas e sociais, tais como: saúde, educação, taxas de natalidade/morbidade/mortalidade, entre outros temas.

Em 2017 foi realizada uma pesquisa com especial enfoque para a área de educação, cujos resultados foram publicados em maio de 2018. Os dados são disponibilizados gratuitamente pelo IBGE e sob a forma de microdados que permitem estudos mais aprofundados sobre grupos específicos.

Considerando-se que já no Censo de 2000 se observou um crescimento expressivo no número de indígenas, atribuído, muito provavelmente ao crescimento no número de pessoas que se auto declaram indígenas, especialmente, nas áreas urbanas (IBGE, 2010).

De acordo com o Censo de 2010, as estimativas para sua população atual no Brasil representam em torno de 37.470 pessoas, das quais 31.814 vivem em 32 terras indígenas demarcadas e em outras que se encontra em processo de ocupação fundiária por este povo para retomada de seus territórios tradicionais. Cerca de 5.656 pessoas desse grupo étnico vivem fora das terras indígenas (IBGE, 2010).

O ingresso, permanência e conclusão dos estudos pelos indígenas na educação superior é um fenômeno recente, datado dos últimos doze anos no Brasil.

A experiência de gestão das políticas públicas de educação superior indígena, igualmente recente no Brasil, tem no estado do Paraná sua referência inédita e mais articulada do ponto de vista institucional, ainda que com imensas fragilidades (AMARAL, 2010).

Poucos estudos foram realizados no país em torno desse fenômeno, mas as referências existentes buscam envolver como tem sido os trajetos trilhados pelos acadêmicos indígenas a partir da sua entrada e, sobretudo, para a permanência dos mesmos nas Universidades.

Amaral (2010) considera o duplo pertencimento primordial para a permanência dos estudantes indígenas na universidade, visto que encontram a possibilidade de articularem-se ora indígenas, ora estudantes universitários, ocupando um território por eles novo e não conhecido. Segundo Amaral (2010, p.278).

O duplo pertencimento carrega conceitualmente a lógica das possibilidades de permanência do e pelo estudante indígena na universidade, diante da permanente tensão e diálogo entre universos e sujeitos distintos e ao mesmo tempo relacionais. Estes passam a definir um novo campo de fronteira entre os diferentes grupos étnico presentes (e alguns, sobreviventes) na universidade e entre esses e os diferentes sujeitos não indígenas que participam e constituem o ambiente universitário.

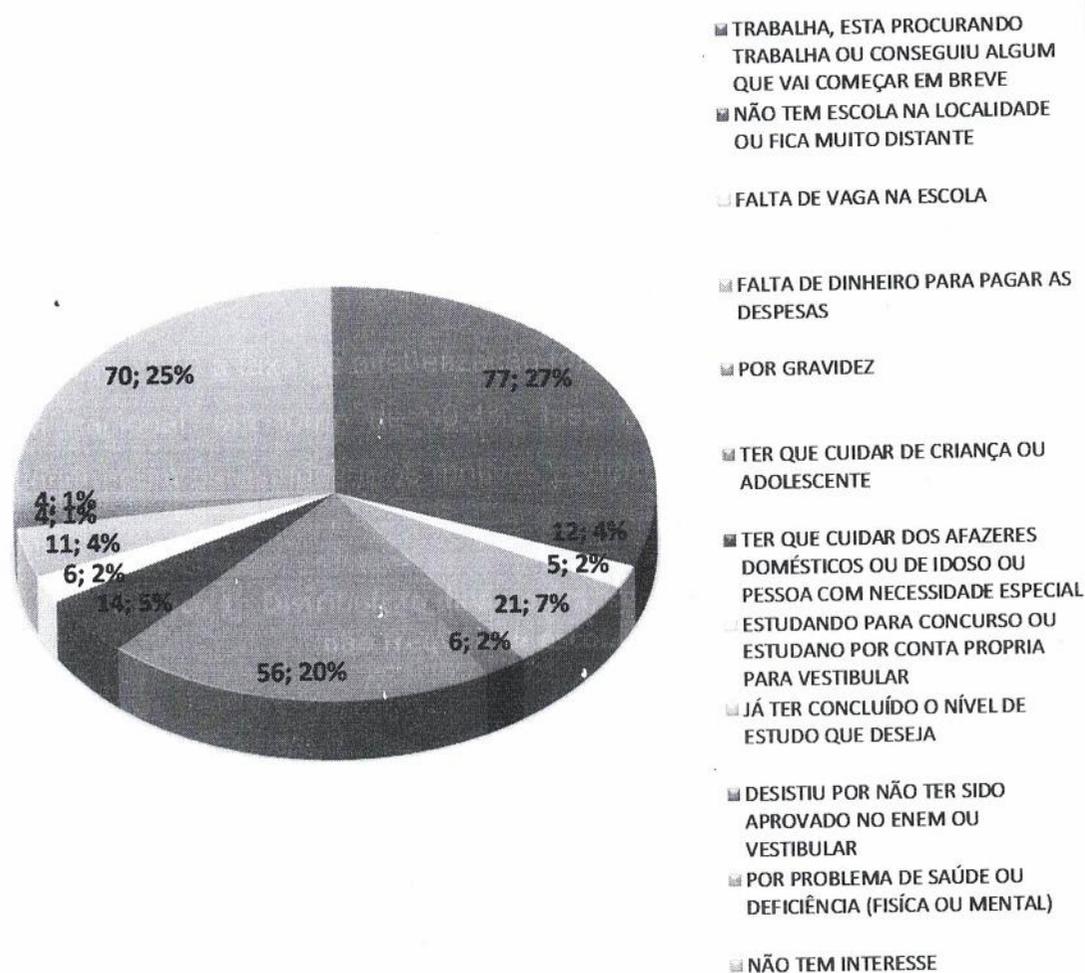
Desta forma, Amaral diz que a não permanência de indígenas nas universidades pode se dar ao fato do duplo pertencimento, já que ao mesmo tempo em que são indígenas, são também estudantes comuns, o que são dois universos completamente distintos para eles.

A pesquisa teve por objetivo geral avaliar o perfil dos Brasileiros Indígenas em relação as etnias sobre a ocupação desta parte da população na vida acadêmica e atuações dos mesmos na área dos cursos ofertados pela IES, que são respectivamente, Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia. E, por objetivos específicos,

- Avaliar a quantidade de brasileiros indígenas que ingressaram para uma formação superior;

Em 2010 a taxa de alfabetização fora de Terras Indígenas era inferior a média nacional, em torno de 90,4%. Isso não significa que os indígenas continuem com os estudos e os motivos podem variar conforme observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Distribuição da amostra, segundo os motivos para não frequentar escola (N=286)



Entre os que estavam na escola (N=294), 69 cursavam graduação (sendo que 06 faziam graduação tecnológica e 18 na modalidade a distância), 05 especialização e 03 mestrado. Nenhum indígena estava cursando extensão de nível superior, mas 17 estavam realizando cursos de qualificação. As pessoas indígenas ocupadas na amostra eram 752 (01 emprego), 17 (02

empregos) e 01 (03 empregos) na semana de referência. E com rendas que variavam entre meio a 20 salários mínimos.

3. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se obter resultados que auxiliem os brasileiros indígenas a terem um acesso maior ao ensino, e que o contexto da desigualdade seja deixado de lado, e ocorra um aumento da população no ensino e demais atividades em que há a necessidade de um curso superior, ou especialização do mesmo.

Espera-se também que busquem fazer uma graduação ou capacitação, onde os mesmos possam procurar outros cursos ofertados, além da Enfermagem e áreas da Licenciatura, que são os mais buscados pelos indígenas brasileiros.

4. CONCLUSÃO

A pesquisa encontra-se em fase inicial e ainda há muito o que explorar no banco de dados. Todavia, foi possível constatar até o momento que o acesso ao ensino ainda não é uma realidade para esta parcela da população. As próximas etapas da pesquisa irão aprofundar a análise nos casos por Unidades da Federação para compreender melhor o contexto das desigualdades, assim como realizar cruzamentos entre as variáveis sexo e idade, com escolaridade, renda e ocupação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral, Wagner R. (2010). **As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos**. Tese (Doutorado em Educação) – **Universidade Federal do Paraná**. Curitiba.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: notas metodológicas**. Rio de Janeiro, (2014).

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **O Brasil indígena. (2010)** Disponível em:
<<http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf>> Acessado em: 11/11/2018.